



Capítulo 3 - A resposta

Meu dia não começa apenas com um susto. Do outro lado da rua, vejo três crianças me encarando. Uma delas aponta para mim e grita:

— Bruxa!

Abro a boca para responder com uma ofensa passiva agressiva e livre para todos os públicos, mas paro ao olhar o jardim que renasceu do nada e me lembrar do desmaio no mercadinho, além do fato de minha avó ter me deixado uma espécie de grimório.

— Quer saber, você tem razão. — Cruzo o portão de metal. — Talvez eu seja mesmo uma bruxa. — Dou uma risada aguda e assustadora, ou pelo menos tento.

O fato de os moleques saírem correndo e gritando, me dá uma resposta. Espero que isso sirva para me deixarem em paz. Espera! Não pareciam assim tão novos. Não abaixo de sete anos. Corro por algumas quadras, mas é impossível os alcançar. Se a minha aposta estiver certa, como crianças com mais de sete anos continuam acordadas neste lugar?

A epidemia do Mal dos Sete tomou todo o país. Já tem umas

duas décadas que isso acontece; ao completarem sete anos, dormem e não despertam mais. Ao ponto de resultar em uma crise e espalhar o medo, com teóricos da conspiração estudando um futuro em que a humanidade estará perdida, pois não existirão mais adultos acordados, além da taxa de natalidade ter caído acima do comum.

Minha irmã já está há quase um ano desacordada. Preciso descobrir a idade daqueles moleques ou qualquer outro pivete deste vilarejo. Se, de fato, o Mal não chegou até aqui ou se estas pessoas, por mais simples que aparentam ser, encontraram uma cura, preciso descobri-la e salvar a minha irmãzinha.

Arrepio-me ao lembrar do que aconteceu no mercado. Não quanto à reação exagerada da senhora do caixa, mas o fato de minha avó ser tão popular nesta vila. Apostei no fato dela possivelmente ser a parteira que trouxe essas crianças a este mundo. E se a minha avó tiver a resposta para esta questão?

Corro para dentro de casa, abro a caixa e começo a ler o caderno. Vou estudá-lo de cabo a rabo, como se minha vida dependesse disso, afinal, é a verdade. Ao folhear, não entendo nada. Vejo ilustrações de plantas variadas, os efeitos que elas causam no corpo humano e até anotações de minhas ancestrais. Alguns detalhes são bem interessantes, por exemplo: preparar um chá com uma folha que acredito ter visto na estufa de minha avó pode me ajudar com as minhas constantes dores de cabeça. Essa receita eu com certeza vou testar. Dobro o canto da folha para me lembrar.

Outros assuntos são estranhos, doenças das quais nunca ouvi falar, com nomes sugestivos: espinhela caída, mal de quebranto, espírito agarrado. Credo! Por mais que eu não

acredite em fantasma, ter que lidar com outro tipo de mal além do que já existe na vida real já seria demais.

Mas e se essas mazelas não forem, assim, tão sobrenaturais? E se são apenas nomes dados a partir de crenças por não saberem como explicar cientificamente? Algo que a ciência ainda não foi capaz de desvendar, um segredo que se esconde em conhecimentos antigos e apagados por um regime pautado na razão.

Minha nuca se arrepia ao pensar em quantos conhecimentos dados como inexplicáveis poderiam ser a solução para problemas que, até então, não somos capazes de resolver. Como doenças incuráveis, ou o Mal dos Sete.

Esfrego os olhos. Por mais que minha vista esteja cansada, preciso continuar a ler. Ou melhor, preciso começar de novo, analisar cada palavra com cuidado. Não adianta apenas escanear frases com ilustrações chamativas ou termos que acho interessantes ou estranhos.

Volto à primeira página, mas antes que eu recomece a leitura, ouço palmas lá fora. Guardo o livro na caixa e o coloco no alto do armário da cozinha. Acredito que ele possa me dar respostas, mas sei que materiais como este podem scandalizar a maioria das pessoas e causar até mesmo reações alarmistas, como atearem fogo na herança das mulheres de minha família.

Espreguico-me, vou até a pia, lavo minhas mãos e meu rosto para afastar o cansaço, depois caminho até a porta de casa, a abro, e vejo o homem jovem, com cabelos ondulados e castanho-claros, olhos cor de mel e um sorriso doce, que some ao me ver. Arqueio a sobrancelha ao observar suas roupas. Não

que esteja malvestido, mas um item em especial, o colarinho branco, chama a minha atenção.

— Perdoe-me. Procuro pela senhora Arruda. Ela está? — Ele esfrega as mãos, apesar do sol estar forte nesta tarde.

— Lamento, mas minha avó faleceu há alguns dias. — Um conhecido da popular parteira?

— Oh, meu Deus! Sinto muito por isso e por sua perda. — O rapaz coloca a mão no peito e sua boca forma um “o” enquanto suas bochechas pálidas coram.

— Obrigada.

Coço a cabeça ao analisá-lo, ainda mais depois de usar um dito não popular na atualidade. Será um homem que ainda tem fé? Pelo detalhe no pescoço, pode ser um daqueles que eram chamados de padres. Sim, lembro bem de minha mãe visitar um deles escondida de meu pai quando enfrentou uma das várias crises do seu casamento falido.

— Bom, sei que não sou a minha avó, mas se quiser entrar, posso preparar um café para nós e você pode me contar o que queria com ela. Quem sabe eu possa ajudar?

— Não a incomodo, senhorita...?

— Maria Bela, mas pode me chamar de Maribela. — Ele com certeza é mais novo do que eu, acho graça de tamanha cordialidade.

— Prazer, senhora Maribela. O meu nome é Miguel, sou o padre de Vila Virtude.

— Padre? — Caminho pelo jardim que ainda não entendo estar em perfeitas condições e abro o portão.

— Sim, gerencio a igreja no fim da rua, a uns quinze minutos daqui. — Ele abaixa a cabeça antes de passar por mim.

— Uma igreja? Pensei que já não existiam — confesso. Há algumas décadas, várias igrejas fecharam, outras foram vandalizadas. Aos poucos, desapareceram.

— Em lugares como este, esquecidos por muitos, algumas coisas valiosas se preservam. — Miguel abre um sorriso que parece iluminar o entorno do seu corpo.

— Fique à vontade, a casa é sua. — Abro a porta e me distancio para que ele entre.

Pitaia logo se aproxima do moço e roça na sua perna enquanto ronrona. Minha amiga disse que os animais têm a estranha habilidade de descobrir o caráter das pessoas, então acredito que posso ficar tranquila em deixar Miguel entrar.

— Se mudou para esta casa? — O padre caminha pela sala, olha cada detalhe.

— Sim, vou passar uma temporada aqui, fazer uma reforma e colocá-la à venda.

— Entendo. — As sobrancelhas dele caem.

— Então, Miguel, se não sabe do falecimento da minha avó, não estava na cidade nesta última semana, estou certa? — Tento puxar assunto para evitar o desconforto que a expressão de descontentamento dele traz.

— Sim, estava viajando. Precisava encontrar algo que perdi. Demorou mais do que eu esperava. E, no fim das contas, não encontrei o que procurava. — Ele se senta à mesa da cozinha e respira fundo.

— Desculpe a curiosidade, mas o que procurava? Um pertence pessoal? Uma pessoa querida? — Coloco a água para ferver.

— Procurava pela minha fé.

Quase deixo o pó que eu colocava no coador cair.

— Saí em uma peregrinação em Jerusalém. Uma jornada feita por homens como eu, em um passado distante. Dediquei todas as minhas economias nesta viagem para testemunhar todos os monumentos destruídos. — Ele sorri tristemente enquanto olha pela janela. — Deve me achar um idiota, não é?

— O quê?! — Mais uma vez, a fala dele me desestabiliza e por pouco não me queimo com a água quente que entorno no coador. — É claro que não, por que eu o julgaria desta forma?

— Por que não me julgaria? Afinal, eu uso essas roupas e gastei tudo o que eu tinha em busca de algo que ninguém mais acredita. Às vezes, penso que nem mesmo eu continuo a crer. — Miguel dá um tapa na própria boca. — Não sei o motivo de atormentar com tais desabafos. Perdoe-me, senhorita.

— Não precisa me chamar de senhorita, nem pedir desculpas. Por algum motivo, as pessoas costumam se abrir comigo, por mais que eu tenha acabado de conhecê-las. — Isso é um fato que nunca entendi, mas acontece com frequência.

— Um dom que herdou da sua avó. — O sorriso brilhante de novo, que levanta suas bochechas e me dá vontade de apertá-las. — E você, senhorita... digo, Maribela, o que busca em um lugar destes? Poderia vender a casa nas condições atuais ou solicitar os trabalhos à distância.

— Tem razão. — Sirvo café para nós dois. — Na verdade, eu não busco nada. Estou fugindo. — Agora sou eu que não entendo o porquê de estar desabafando com um cara que conheci há poucos minutos.

— Compreendo. Este é um bom lugar para isso. Acredite, somos parecidos. Vim para esta vila por pensar que este seria um bom lugar para cumprir o meu... propósito. Por causa do trabalho da sua avó.

— Minha avó? — Inclino-me na direção dele.

— Sim, a senhora Arruda era conhecida entre os poucos que ainda vestem a batina. Por mais que fosse criticada pela maioria deles, todos reconheciam a coragem daquela mulher.

— Coragem para fazer o quê?

— Acreditar. A fé dela era tamanha a ponto de coisas acontecerem. Sim, eu mesmo já vi alguns dos seus milagres.

— Milagres? — Não consigo abafar uma risada.

— Sei que é difícil de acreditar, mas sua avó era... especial. E consigo sentir que você também é, Maribela. — Sou surpreendida com o toque dele em minhas mãos. — Quem sabe estas mãos também sejam capazes de curar?

— Não crie tantas expectativas. Eu sou boa em consertar

coisas, não pessoas. Pode ter certeza disso. — Afasto-me do toque dele.

— Desculpe, não quis atormentá-la ou compará-la. É que ainda não consigo acreditar que ela nos deixou.

— Eram amigos?

— Pode-se dizer que sim. — Os olhos de Miguel miram o teto. — Arruda costumava ir até a igreja para se confessar. Minha única fiel. Com o tempo, comecei a visitá-la e era ela quem ouvia sobre as minhas dores. Então, sim, definitivamente éramos amigos.

— Bom, nesse negócio de acreditar ou fazer milagres eu não me garanto, mas sou boa em ouvir. Talvez possamos ser amigos. — Sorrio para ele. Gostei da nossa conversa e da sinceridade de Miguel, além dele ser uma gracinha.

Não me julgue, estou no período fértil.

— Seria uma honra! — Miguel mais uma vez sorri e aperta a minha mão. — Aliás, esse é o melhor café que já tomei na vida.

— Obrigada. — Se continuar assim, vou largar o meu trabalho como “marido de aluguel” e abrir uma cafeteria com o dinheiro da venda deste lugar.

— Bom, grato pelo café e pela conversa, mas agora tenho que ir. A igreja precisa de uma boa limpeza depois de tanto tempo fechada.

— Imagino. — O acompanho até a porta da frente.

— Apareça por lá para me fazer uma visita, ou, quem sabe,

se confessar?

— Quem sabe? — rimos.

Abano a minha mão em uma despedida enquanto vejo o padre seguir pela única rua que cruza Vila Virtude. Volto para dentro, tiro a caixa do alto do armário e continuo minha pesquisa. Se neste livro consigo as receitas para a cura de doenças sobrenaturais, talvez também consiga entender como realizar um milagre.

Afinal, só um milagre poderia salvar a minha irmã.